



doi 10.22633/rpge.v29i00.20814



Revista on line de Política e Gestão Educacional
Online Journal of Policy and Educational Management



¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – SP – Brasil. Doutoranda/Pesquisadora Violência Intra-familiar do Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica: Psicologia Clínica.

² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – SP – Brasil. Professor Dr. do Programa de Pós-graduação Lato Sensu PUC/SP. Especialização em Terapia Familiar e de Casal - SP Departamento/ Cogae.

VIOLENCIA PARENTAL, TRAUMA E O IMPACTO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADULTA

VIOLENCIA PARENTAL, TRAUMA Y EL IMPACTO EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD ADULTA

PARENTAL VIOLENCE, TRAUMA, AND ITS IMPACT ON THE CONSTRUCTION OF ADULT IDENTITY

Luciana FERREIRA¹

luciana@lfpsico.com.br

João Laurentino dos SANTOS²

joao_laurentino@uol.com.br



Como referenciar este artigo:

Ferreira, L., & Santos, J. L. (2025). Violência parental, trauma e o impacto na construção da identidade adulta. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, 29, e025113. <https://doi.org/10.22633/rpge.v29i00.20814>

Submetido em: 20/10/2025

Revisões requeridas em: 05/11/2025

Aprovado em: 08/12/2025

Publicado em: 22/12/2025



RESUMO: A família, enquanto lócus central de transmissão de costumes e valores, é paradoxalmente o principal cenário onde se manifestam as práticas de violência contra crianças. Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, objetivou investigar o impacto da violência parental vivenciada na infância e sua influência direta no processo de construção identitária de adultos sobreviventes. O estudo utilizou a estratégia de casos múltiplos, com dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e analisados por categorização de conteúdo que culminou na definição de seis modalidades de violência parental. Os resultados revelam que o trauma, em seus efeitos, não desinveste o indivíduo que o viveu, mas se manifesta com impacto claro na construção da identidade. Conclui-se que o trauma pode ser administrado, reprocessado e ressignificado, indicando que a permanência dos seus sinais coexiste com a capacidade de o indivíduo construir novos propósitos e significados.

PALAVRAS-CHAVE: Violência Parental. Violência Infantil. Trauma. Identidade.

RESUMEN: La familia, como locus central de transmisión de costumbres y valores, es paradójicamente el principal escenario donde se manifiestan las prácticas de violencia contra la infancia. Esta investigación, de abordaje cualitativo, tuvo como objetivo indagar el impacto de la violencia parental experimentada en la niñez y su influencia directa en el proceso de construcción identitaria de adultos sobrevivientes. El estudio empleó la estrategia de casos múltiples, con datos recolectados por medio de entrevistas semiestructuradas y analizados mediante la categorización de contenido, lo que culminó en la definición de seis modalidades de violencia parental. Los resultados revelan que el trauma, en sus efectos, no desinviste al individuo que lo ha vivido, sino que se manifiesta con un impacto claro en la construcción de la identidad. Se concluye que el trauma puede ser administrado, reprocesado y ressignificado, indicando que la permanencia de sus señales coexiste con la capacidad del individuo de construir nuevos propósitos y significados.

PALABRAS CLAVE: Violencia Parental. Violencia Infantil. Trauma. Identidad.

ABSTRACT: The family, while being the central locus for the transmission of customs and values, is paradoxically the main setting where practices of violence against children manifest. This research, utilizing a qualitative approach, aimed to investigate the impact of parental violence experienced in childhood and its direct influence on the process of identity construction among adult survivors. The study employed a multiple case study strategy, with data collected through semi-structured interviews and analyzed via content categorization, which culminated in the definition of six modalities of parental violence. The results reveal that trauma, in its effects, does not "disinvest" the individual who lived it, but manifests with a clear impact on identity construction. It is concluded that trauma can be administered, reprocessed, and re-signified (or not), indicating that the permanence of its signs coexists with the individual's capacity to construct new purposes and meanings.

KEYWORDS: Parental Violence. Child Violence. Trauma. Identity.

Artigo submetido ao sistema de similaridade



Editor: Prof. Dr. Sebastião de Souza Lemes

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz.

INTRODUÇÃO

O foco desta pesquisa tem sua gênese na experiência clínica, a partir da presença em nossos consultórios de filhos adultos em sofrimento, com marcas em seus corpos, alma e comportamentos advindos de relações familiares violentas nas suas diversas modalidades.

Trabalhamos em nossos consultórios com homens e mulheres que apresentam estilos de apego inseguros — evitativos, ansiogênicos e desorganizados — que foram construídos nas relações iniciais com seus parentais e/ou cuidadores (Bowlby, 2023; Haack et al., 2023; Santos & Camargo, 2024). Essa dinâmica produz, por vezes, violência em suas famílias, projetando nos filhos inseguranças e incertezas — e até trocas de papéis —, e gerando filhos parentalizados¹ (Bowen, 1991); essas são marcas emocionais, as quais são impressas nos cérebros e nas almas desses indivíduos. A isso adiciona-se a procura por nossa ajuda de filhos que foram violentados sexual e fisicamente por seus parentais e/ou cuidadores.

Sabemos que por meio de estudos sobre violência intrafamiliar, as características da violência e conflitos intrafamiliares impactam no processo de diferenciação² do indivíduo na vida adulta e que a violência parental aplicada na infância pode produzir trauma nessa fase da vida (Ferreira, 2022; Brodski, 2021; Lewis et al., 2019; Van der Kolk, 2020; Levine & Frank, 2022; Maté & Maté, 2023).

Outra questão que nos permeia, tanto como terapeutas quanto como pesquisadores é a forma como manifestam-se os traumas na vida do adulto — vítima de violência parental. Nos questionamos: existem traumas específicos, tais como ansiedade nas relações sociais, agressividade nas interações afetivas e sociais, esquiva ou hipervigilância? Ou seriam respostas singulares, moduladas pela história, pelo contexto e pelas narrativas identitárias que cada sujeito construiu para sobreviver? Como exemplo, observamos no consultório que algumas pessoas desenvolvem mecanismos de defesa rígidos e automáticos, enquanto outras exibem uma sensibilidade exacerbada ao ambiente, como se vivessem permanentemente em alerta. Há ainda quem internalize a violência, tornando-se excessivamente autocrítico e aqueles que a externalizam, reproduzindo padrões relacionais disfuncionais.

Essas respostas — embora diferentes na forma — compartilham um denominador comum: o trauma parental reorganiza o modo como o sujeito percebe a si mesmo, os outros e o mundo, afetando sua capacidade de confiar, se vincular e acessar uma sensação interna de segurança (Van der Kolk, 2020; Levine & Frank, 2022; Maté & Maté, 2023). Assim, não falamos de um único “tipo de trauma”, mas de um campo de experiências que se desdobra — segundo

1 Filhos que ocupam o lugar dos pais; tornando-se maduros antes do tempo.

2 O conceito de Diferenciação do *Self*, introduzido por Murray Bowen no contexto da Teoria dos Sistemas Familiares (Psicologia Sistêmica), é fundamental para entender a saúde emocional e a dinâmica dos relacionamentos. A diferenciação do self define a capacidade de um indivíduo de manter um senso de *self* distinto e autônomo (identidade própria) enquanto está emocionalmente conectado aos outros, especialmente dentro da família.

a história — a fase do desenvolvimento em que ocorreu a violência, a qualidade das relações subsequentes e os recursos subjetivos disponíveis para ressignificação.

Observamos em nossa prática clínica, adultos que apresentam crises de ansiedade, ataques de pânico, depressão, transtornos de afetividade e de personalidade — como primeiro diagnóstico realizado por psiquiatras —, dificuldades relacionais, terrores noturnos, insônia, repetição da violência em suas famílias nucleares e comorbidades diversas — como marcas do estresse prolongado do trauma —, assim como nos colocam importantes pesquisadores como Levine e Frederick (2022), Maté e Maté (2023) e Van der Kolk (2020) sobre o trauma e especialmente, os traumas do desenvolvimento da infância provenientes da violência parental.

As perguntas supramencionadas são o alvo deste trabalho que conta com a pesquisa qualitativa, na qual os indivíduos atribuem significados às suas histórias, sejam eles pesquisados ou pesquisadores (Denzin & Lincoln, 2006). A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Para a análise desse conteúdo, foi utilizado o método de Yin para Estudo de Caso (Yin, 2016). Nesse contexto, a decomposição de dados é a organização estruturada do material qualitativo, permitindo que o pesquisador parta dos dados brutos à categorização, que é a base para tirar as conclusões do estudo de casos múltiplos. Foi nesse processo que gerou a categorização subsequente, resultando na definição e na organização das modalidades de violência vivenciadas pelas participantes.

A construção da compreensão dos significados está fundamentada no referencial teórico do novo paradigma de pensamento, que reconhece a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade da vida (Vasconcellos, 2018). Também se apoia em abordagens pós-modernas, como o construtivismo (Spink, 2010) e o construcionismo social (Rasera & Japur, 2005), que consideram o ser humano em suas relações, contexto, cultura e trajetória de vida.

O objetivo central desta pesquisa foi investigar o impacto dos traumas complexos de desenvolvimento em dois indivíduos na idade adulta, os quais foram instaurados durante a infância em decorrência da exposição às modalidades de violência parental.

Especificamente, buscamos identificar e analisar quais aspectos da violência parental foram vivenciados pelos participantes na infância, como essas experiências são atualmente percebidas por eles e de que forma influenciaram a compreensão desses eventos na fase adulta.

TRAUMA

Como apontam Kering (2023) e Knight e Miller (2024), os traumas estão relacionados aos vários tipos de violências, abusos e negligências que afetam o desenvolvimento da infância — tema foco desta pesquisa. Van der Kolk (2020) em seu empenhado estudo sobre

a amplitude do trauma, nos conta que uma criança que viveu violência em seu ambiente familiar, defrontar-se-á com dificuldades para estabelecer relacionamentos estáveis e baseados na confiança, quando do atingimento da vida adulta. As pesquisas — considerando uma visão integrada e multidisciplinar do ser humano — mostram que o trauma causa mudanças fisiológicas reais que impactam no sistema de reorganização do cérebro, elevando a atividade dos hormônios do estresse e produzindo alterações no sistema que separa as informações significativas das insignificantes. Pessoas traumatizadas tornam-se hipervigilantes, enfrentam altos níveis de ansiedade, lidam de forma estressada com rotinas diárias e, vale destacar, que normalmente passam diversas vezes por situações problemáticas e não aprendem com a experiência, além da perda da intimidade consigo (Van der Kolk, 2020; Levine & Frank, 2022; Maté & Maté, 2023).

O Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), characteristicamente, manifesta-se como resultado de repetidos traumas com aspectos de gravidade. Nos estudos do impacto do trauma em saúde mental, essas experiências estão associadas aos aspectos multifatoriais, incluindo características como tipo, proximidade, frequência, bem como aspectos individuais e sociais.

Uma peculiaridade do trauma é o trauma complexo, que se encarrega do número de eventos traumáticos aos quais uma pessoa foi submetida ao longo de sua biografia, especialmente, as violências interpessoais (Serpeloni et al., 2023). Os estudos têm mostrado de forma contundente que a exposição aos distintos tipos de acontecimentos traumáticos eleva a possibilidade de desenvolver TEPT, o que é reputado como efeito cumulativo do trauma ou também conhecido como *building block* (Serpeloni et al., 2023).

Pessoas vítimas de TEPT apresentam memórias recorrentes e intrusivas, pesadelos constantes, flashbacks de cenas de sofrimento ou de ataque; demonstram dificuldade de concentração e apresentam comportamentos evitantes em relação às pessoas, lugares ou ocasiões associadas ao trauma. Esses indivíduos narram sentimentos de raiva, culpa, vergonha e dificilmente permitem-se viver momentos positivos ou de relaxamento, pois estão em constante vigilância, o que desencadeia alto estresse em relação às tarefas cotidianas, de trabalho ou até mesmo das relacionais. Isso acontece devido às emoções intensas que atingem o sistema límbico e as amígdalas (Van der Kolk, 2020).

Nosso hemisfério esquerdo do cérebro é responsável por organizar nossas experiências e o direito armazena nossas lembranças. Em condições normais, ambos os lados do cérebro atuam juntos em relativa harmonia; já o hemisfério esquerdo dos traumatizados não tem sua função ocorrendo na plenitude, que se manifesta como um “curto-circuito” causado pelo evento traumático, ou seja, o cérebro emocional invade o cérebro racional (Van der Kolk, 2020; Serpeloni et al., 2023).

Pessoas que sofrem de traumas permanecem presas e paralisadas no desenvolvimento geral. Após o trauma, o indivíduo passa a vivenciar o mundo com um sistema nervoso distinto em relação a quem não viveu situações traumáticas. A potência de um sobrevivente de recorrentes eventos traumáticos ficam focada em suprimir o caos interno em detrimento da espontaneidade em sua vivência cotidiana (Van der Kolk, 2020; Levine & Frederick, 2022; Maté & Maté, 2023); sabemos que indivíduos marcados pelo trauma carregam consigo sinais em suas almas.

MENTE INFANTIL E OS TRAUMAS DO DESENVOLVIMENTO DA INFÂNCIA

Durante o transcurso do século XX, vários estudiosos do comportamento humano se ativeram em observar, analisar, discutir e produzir conhecimento acerca do desenvolvimento da criança, e cada um com sua perspectiva, linha de abordagem e pedagogia — mas todos convergiam em algum nível — para a conclusão de que a criança é formada também pelo seu entorno e pelas primeiras experiências por elas vividas, atribuindo significância aos pais e cuidadores presentes nos primeiros anos de vida.

Autores clássicos como Vygotsky (1896-1934), Piaget (1896-1980), Freud (1856-1939) e Bowlby (1907-1990) abordaram, por diferentes perspectivas teóricas, a importância das interações iniciais entre a criança e suas figuras cuidadoras. Embora partam de pressupostos distintos, há entre eles a convergência de que a qualidade dessas relações precoces influencia a constituição subjetiva e o desenvolvimento emocional ao longo da vida (Bowlby, 2023).

O Trauma do Desenvolvimento (TD), conforme definido por Knight e Miller (2024) e Kerig (2023), refere-se à exposição a experiências traumáticas crônicas e repetitivas que ocorrem durante os períodos críticos da infância e adolescência. Esse trauma é predominantemente interpessoal e manifesta-se dentro do sistema de cuidados primário — a família —, onde a criança depende do agressor, o que impede o desenvolvimento da capacidade de autorregulação emocional. O TD vai além dos sintomas do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), pois causa déficits generalizados no desenvolvimento neurobiológico e na construção da identidade e do *self*. Knight e Miller (2024) ressaltam que essa exposição crônica a relações falhas exige uma expansão do modelo diagnóstico para o Trauma Complexo (TEPT-C), focando em intervenções que priorizem a regulação e a reconstrução das relações de confiança.

No amplo estudo com crianças realizado por Van der Kolk (2020) e sua equipe na clínica infantil do Trauma Center do CSMM, mostrou-se que para crianças vítimas de violências a resposta ao mundo e às relações vinham sempre recheados de traumas, ameaças, comorbidades, diagnósticos — especialmente os diagnósticos de transtorno de humor, conduta e de personalidade. Van der Kolk (2020) — que conviveu com Bowlby quando de suas visitas a Harvard

— nos conta que Bowlby concluiu em sua tese que os transtornos de conduta de algumas crianças eram uma resposta a experiências vividas por elas, tais como negligência, violência, separação e, a partir de então, construiu a teoria do apego (Bowlby, 2023).

Bowlby (2023) afirma que a arte da autorregulação está relacionada com a harmonia nas primeiras vivências com nossos pais e cuidadores; logo, a criança que foi exposta a violência em suas mais diversas formas terá dificuldade de se autorregular na vida adulta.

Maté e Maté (2023) apresentam seu conceito de trauma, que corresponde com nossas vivências clínicas junto a caminhada de nossos clientes feridos internamente:

trauma é uma ferida interna, uma ruptura ou uma clivagem duradoura do ego devido a acontecimentos difíceis ou dolorosos ... trauma é principalmente o que acontece dentro da pessoa como resultado de acontecimentos difíceis ou dolorosos que acometem; não são os acontecimentos em si. “Trauma não é o que acontece com você, mas sim, o que acontece dentro de você”. (Maté & Maté, 2023, p. 27)

Um estudo longitudinal sobre epidemiologia do trauma e TPET na Inglaterra mostra que a prevalência do transtorno de estresse pós-traumático ao longo da vida está mais evidente em jovens que sofreram ataques interpessoais diretos ou ameaças — principalmente aqueles que foram acometidos de ataques sexuais (Lewis et al., 2019). Ou seja, indivíduos marcados internamente, afrontados em sua dignidade, espaço individual e características pessoais.

Identidade, trauma e a crise do self na contemporaneidade

A questão da identidade é um tema central nos estudos humanos desde autores clássicos que abordam o desenvolvimento da moral e das formas de vínculo — como Freud (1923), Erikson (1976) e Bowlby (2023) — até autores contemporâneos, como Hall (2019), Goffman (2014) e Foucault (2010) —, que abordam a identidade como flexível e mutável. Segundo Erikson (1976), a construção da identidade é um processo psicossocial que se dá em parceria com o meio, amparando e mantendo traços essenciais no sujeito ao longo de toda a vida. A identidade é co-construída de significados (Spink, 2010; Rasera & Japur, 2005), não exprimindo um sistema interno acabado, mas sim, um processo intrinsecamente dependente da cultura e da sociedade (Erikson, 1976).

Entretanto, essa construção depara-se com a desorganização imposta pela violência. A exposição a situações de violência — abarcada como por exemplo, pelo ciclo da violência (Walker, 1979) — pode levar à perda da base segura, resultando na identificação com o

próprio agressor e prejuízos à capacidade de autoproteção. Essa dinâmica viabiliza padrões de repetição transgeracional da violência em relações afetivas (Informação Verbal, 2021³).

O impacto rígido do trauma na identidade flexível

O trauma — especialmente o trauma complexo, caracterizado por adversidades vivenciadas por crianças em diversas fases de seu desenvolvimento e geralmente relacionadas a relacionamentos violentos — produz um impacto que contrasta com a natureza fluida da identidade pós-moderna. Pesquisas demonstram que há impacto na construção da identidade desses indivíduos, manifestado por dissociação, comprometimentos mentais, transtornos de personalidade e emocionais (Van der Kolk, 2020).

Nas narrativas de sobreviventes, as perdas e vulnerabilidades advindas de situações adversas trazem consigo perturbações na identidade e comprometem a autoimagem, contribuindo para a construção de uma identidade “pós-trauma”. Situações traumáticas e seus sintomas (TEPT) modulam identidades, trajetórias, relacionamentos e autopercepção, deslocando a certeza sobre si mesmo (Li & Liang, 2023; Hyland et al., 2023).

Crise de identidade na pós-modernidade

A crise potencializa-se quando cruzada com o cenário sociológico. As antigas identidades consolidadas — de classe, gênero e etnia — estão em decadência devido às mudanças estruturais do final do século XX, fracionando o sujeito moderno unificado. A identidade é vista como descentrada, deslocada e/ou fragmentada (Hall, 2019). Hall (2019) projeta a perda do “sentido de si estável”, culminando na crise de identidade do indivíduo contemporâneo.

Considerando que o sujeito traz distintas identidades em diferentes contextos e que a diversidade de “eus” coabita o indivíduo (Hall, 2019; Schwartz, 2023), o desafio manifesta-se: a violência — em suas diversas formas — impede o sujeito de conectar-se com seu “aqui e agora”, aprisionando-o em experiências traumáticas. Esse aprisionamento contrasta com a fluidez do mundo e compromete a possibilidade de ser um sujeito livre, espontâneo, potente e capaz de construir uma história ressignificada.

MÉTODO

O estudo ancora-se no pensamento sistêmico, que compreende a vida como um tecido de múltiplas influências; sempre em movimento. Para Vasconcellos (2018), os fenômenos

³ Informação oral: Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo - qualificação de mestrado PUC-SP, em 10 nov. 2021.

humanos só podem ser entendidos dentro dessa trama complexa, onde instabilidade, interdependência e intersubjetividade não são desvios, mas a própria natureza do real. Nada existe isolado: cada ação reverbera no sistema e cada sujeito constitui-se na relação com o outro, no tempo e na história compartilhada. Assim, compreender o trauma — e suas marcas — exige olhar para essas redes vividas e para os modos como elas moldam significados, vínculos e possibilidades de mudança.

Articula-se às abordagens pós-modernas da terapia narrativa (White, 2012), que buscam ressignificar histórias saturadas de problemas, ao pensamento construtivista (Arendt, 2003) e construcionista (Gergen, 1985), segundo os quais a realidade é construída nas tramas da comunicação, da cultura, da história e na capacidade de cada sujeito de agência sobre sua própria biografia.

Esta pesquisa foi configurada como uma pesquisa qualitativa, sendo esta àquela em que construímos significados e atribuímos sentido a esses resultados, considerando nesse contexto a implicação tanto do pesquisador como do pesquisado (Guerra et al., 2024). Essa investigação qualitativa considera — nesse contexto — a implicação tanto do pesquisador como do pesquisado (Denzin & Lincoln, 2006). Constatamos em Yin (2016) que a pesquisa qualitativa (PQ) implica, antes de tudo, compreender o significado das histórias dos sujeitos, considerando os contextos em que estão inseridos. Essa modalidade de pesquisa investe — por meio da diversidade de lentes — na contribuição para com o acréscimo da compreensão de fenômenos culturalmente contextualizados e no desafio das práxis culturais, que descrevem e representam tanto o indivíduo quanto a cultura, promovendo também o estímulo para mudanças sociais (Kublikowski, 2021).

Participantes

As entrevistas foram realizadas com dois participantes: uma mulher, Tatiana (nome fictício), com idade de 58 anos, hétero, cisgênero, casada, sem filhos, pedagoga, estudante de psicologia, *gestalt* terapeuta, possui duas pós-graduações em desenvolvimento humano, natural da cidade de São Paulo e pertencente a camada populacional urbana de classe C, de acordo com o IBGE; e, um homem, José (nome fictício), com 74 anos, hétero, cisgênero, viúvo, com quatro filhos, engenheiro, administrador, aposentado, natural do interior do estado de São Paulo, no planalto central paulista e faz parte da camada populacional urbana de classe B.

O critério de inclusão foi ter vivido a violência parental e que atenda algum dos critérios de violência intrafamiliar.

Instrumentos

Lançamos mão da entrevista semiestruturada, que é considerada por Kvale e Brinkmann (2009) como uma ferramenta intersubjetiva — de duas pessoas discorrendo sobre temas afins —, com o objetivo de adquirir informações sobre o mundo experienciado pelo entrevistado; focados no tema em voga. Essa ferramenta apreende um diálogo não direutivo, que não requer a utilização de perguntas padronizadas; porém, tem em sua base, um roteiro com temáticas preliminarmente elaboradas.

Procedimento

Para alcançar os objetivos da pesquisa, adotou-se o *Estudo de Casos Múltiplos*, modalidade que, segundo Yin (2014), produz análises mais consistentes ao permitir a comparação entre diferentes trajetórias. As entrevistas semiestruturadas estruturaram o campo empírico, oferecendo ao investigador um espaço de reflexão sobre suas próprias concepções e escolhas metodológicas — aspecto destacado por Kublikowski (2018) ao situar o Estudo de Caso como uma estratégia afinada com a prática clínica e com a complexidade subjetiva dos fenômenos humanos. Como lembra D'Allonnes (2004), sua potência está na capacidade de integrar materiais provenientes de múltiplas fontes, compondo uma leitura de histórias de vida singulares que se organizam em camadas e exigem análise em vários níveis.

Foram realizadas as entrevistas na modalidade *online* — momento em que foi lido o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) —, com o aceite documentado, gravado e, posteriormente, transscrito.

As análises deram-se em forma de identificação de categorias e alinhamento entre experiência e corroboração da teoria. A análise de um caso, segundo Stake (2006), implica atribuir sentido tanto às impressões iniciais quanto às compreensões finais por meio de dois caminhos possíveis: a codificação dos dados — que nos direcionou para a construção de categorias — ou a interpretação direta. Cabe ao pesquisador decidir qual estratégia melhor se ajusta ao modo como apreende o fenômeno. A narrativa final que emerge — sempre singular — é moldada pelo olhar do investigador, que articula temas, constrói categorias e sentidos e conecta a história estudada às outras experiências humanas.

A codificação, entendida por Kublikowski (2018) como um processo de transformação dos dados, no qual informações são condensadas, organizadas e agrupadas até que padrões revelem categorias analíticas; trata-se de um movimento que parte da descrição e avança para a compreensão, saindo do concreto para o abstrato. O percurso seguiu as cinco fases propostas por Yin (2016): (1) compilar os dados e formar uma base organizada; (2) decompor, fragmentando as informações para análise minuciosa; (3) recompor, rearranjando e integrando

elementos em novas configurações; (4) interpretar, construindo sentidos e articulações analíticas e categorias; e (5) concluir, sintetizando achados e produzindo compreensão integrada do caso.

Considerações éticas

Em acordo com a Resolução 466/2012, complementada pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, o sigilo em torno da identidade dos participantes foi mantido. Esta pesquisa está devidamente registrada sob o número de parecer 7.932.952 e CAE, número 78308223.4.0000.5482

Trata-se de pesquisa que apresenta risco baixo possibilitando a geração benefícios aos participantes pela reflexão, *insights*, ampliação de consciência sobre si e sua história gerada em torno do tema, assim como seus resultados poderão beneficiar a população que vivencia as dificuldades mencionadas, profissionais de saúde e áreas afins que queiram ampliar seus conhecimentos acerca do tema.

Oferecemos apoio, orientação e acolhimento — uma vez que a pesquisadora apresenta experiência clínica com manejo de TEPT e violência intrafamiliar —, além de encaminhamento para terapia e/ou ajuda profissional em caso de desconforto.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Ao analisarmos o conteúdo das transcrições das duas entrevistas realizadas, identificamos seis categorias de violência parental e dentre elas, sintomas de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e impacto na construção da identidade e autoimagem. Na primeira categoria, temos a violência sexual cometida pelo pai de Tatiana.

Concordamos com Sanches et al. (2019) quando se posicionam em relação à diferença entre o termo abuso e violência sexual. Os autores afirmam que a definição de abuso supõe que em alguma medida pode-se fazer certas coisas, como se houvesse critério de permissão para tal e neste caso da brutalidade da violência sexual, em qualquer fase da vida, mas especialmente, na infância. Trata-se de um problema social com impacto na vida, na saúde física e psíquica do indivíduo violado na sua intimidade e sexualidade, tornando-se então, uma situação adversa e trauma complexa.

Podemos constatar em nossa experiência clínica — bem como em pesquisas — que uma pessoa violentada sexualmente pode apresentar transtornos mentais, abuso de substâncias químicas, comprometimento de sua autoimagem, comorbidades diversas, bem como, TEPT (Chaves & Prado, 2024; Van der Kolk, 2020). Sabemos que toda criança vítima de violência

sexual está em posição assimétrica e desvantajosa em relação ao adulto, que utiliza de seu poder que vai desde a simples estatura e força física até o lugar psíquico de pertencimento e importância na relação com a criança violentada (Cunha, 2021).

No caso de Tatiana, ela relata ter uma relação inicial de amor e admiração pelo pai. Assim como Foucault (1987) nos aponta, a violência de todos os gêneros é advinda de relações de poder, e especificamente, nesse caso, um adulto diante de uma criança tem uma posição de poder e relevância, considerando a natureza do ciclo do desenvolvimento da vida.

No Brasil, a violência sexual infantil intrafamiliar cresce de forma entristecedora. Entre 2021 e 2024, os dados dos Anuários Brasileiros de Segurança Pública revelam uma escalada alarmante no número de vítimas de estupro. Em 2021, o total de casos foi de 66.020, um número que subiu para 74.930 em 2022, representando um aumento de aproximadamente 13,5% (Fórum Brasileiro de Segurança Pública [FBSP], 2023, 2024). A tendência de crescimento continuou em 2023 quando o total de casos chegou a 83.988 — um acréscimo de 12,1% em relação ao ano anterior (Fundo das Nações Unidas para a Infância [UNICEF], 2023). O aumento mais recente, confirmado pelo 19º Anuário, aponta para 87.545 casos em 2024 — um salto de 4,2% em relação a 2023 (FBSP, 2025). Em relação aos dados do último anuário, os casos de estupro contabilizam como maioria das vítimas (87,7%) as crianças do gênero feminino. A pesquisa destaca que meninas negras representam 55,6% das vítimas. Crianças menores de 14 anos vítimas de “estupro de vulnerável”, somam 76,8% do total, com a maioria dos crimes (59,5%) sendo cometida por familiares e ocorrendo dentro de casa (69,1%). Os agressores são, em sua maioria, homens em papéis de cuidado, o que agrava a ruptura de confiança e segurança. Vemos essa triste realidade brasileira explicitada na história de Tatiana, desde algumas décadas passadas.

Relato de Tatiana:

Só que aí meu pai sempre querendo puxar sardinha para o meu lado, sempre me chamando para fazer carinho. Foi aí que houve um abuso. E também é uma fase que acho que a criança sente prazer, né? E eu gostava. Só que eu não sabia que eu estava sendo abusada. Até que um dia eu conversando com as minhas irmãs ... e eu achava que era só comigo. Ele tentou isso com todas as filhas ... então assim, meu pai sempre me chamava para ficar com ele na cama, eu ia, eu gostava. Muitas vezes ele gozou em mim, não dentro de mim, mas no meu bumbum, né? E eu senti aquele negócio molhado, mas também, o que que era aquilo? Quando a minha ... ele percebia algum movimento da minha mãe, ele logo me punha para fora e tchau, tchau. (Depoimento concedido a autora, 2025)

Como segunda categoria, levantamos a violência física paterna. Observamos na história de violência de Tatiana um processo de agressão parental e intrafamiliar, no que tange à violência física. Esta foi perpetrada pelo pai como rotina e regra na forma de educar e corrigir os filhos. Nos perguntamos se, a violência física como hábito na correção dos filhos, pode levar a normalização da violência por parte dos membros da família.

De acordo com os estudos de Araújo et al. (2023), há uma evidente associação entre a prática educativa violenta e o aumento e riscos de transtornos mentais, fundamentando que a hostilidade e a punição na forma de educar os filhos gera desordens e instabilidade emocional nos indivíduos perpetrados. O contrário também ficou evidente: crianças que são criadas por práticas educativas positivas apresentam menos comprometimento da saúde mental.

Relato de Tatiana: “Meu pai batia na gente, violentamente, com cinta e a gente ficava tudo marcado ... ele batia muito violentamente na gente. Os cinco apanhavam de uma vez. Então todo mundo ficava esperando a sua vez de apanhar. Eu era a quinta” (Depoimento concedido a autora, 2025).

Relato de José:

Ué, eu que fazia as coisas erradas ... Ele era diretor de escola numa cidade pequena. Ué, apanhou, fez errado? Então era assim que era tratado. Não podia fazer nada errado mesmo. Quer dizer que não é que apanhava todo dia, quando você fazia uma coisa que a coisa ficava feia, né? Porque o normal — que hoje eles não acham normal — para nós era normal, tá? (Depoimento concedido a autora, 2025)

José sobre quando bateu em um de seus filhos: “é? Batia com a mão mesmo, né? Esse último aí que um dia ele ficou bêbado, bêbado, bêbado e eu tive que largar o que eu estava fazendo em outra cidade para vim aqui (agrediu o filho)” (Depoimento concedido a autora, 2025).

Na história de José, podemos destacar ainda a normalização da violência, juntamente com a prática desta em forma de educação e correção de comportamentos não tolerados para a família. Vemos a prática educacional violenta, aprendida de forma transgeracional em concordância com os achados de Santos e Moré (2011) e aplicada de maneira normativa e padronizada na história desse pai, que também foi um filho perpetrado pela agressão como via de educação.

Atualmente, contamos com um complemento ao Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA: a Lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014 – (Brasil, 2014) — conhecida como a Lei da Palmada —, que estabelece que:

Art. 18-A. A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los. (Brasil, 2014)

Sabemos que tanto os pais de Tatiana quanto os de José, nos dias de hoje, estariam sujeitos às penalidades abaixo, apresentadas na Lei supracitada:

Art. 18-B. Os pais, os integrantes da família ampliada, os responsáveis, os agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou qualquer pessoa encarregada de cuidar de crianças e de adolescentes, tratá-los, educá-los ou protegê-los que utilizarem castigo físico ou tratamento cruel ou degradante como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto estarão sujeitos, sem prejuízo de outras sanções cabíveis, às seguintes medidas, que serão aplicadas de acordo com a gravidade do caso:

- I - encaminhamento a programa oficial ou comunitário de proteção à família;
- II - encaminhamento a tratamento psicológico ou psiquiátrico;
- III - encaminhamento a cursos ou programas de orientação;
- IV - obrigação de encaminhar a criança a tratamento especializado;
- V – advertência. (Brasil, 2014)

Normalização e negação dos resultados da violência é a terceira categoria. José normaliza a educação por meio da violência e nega os possíveis efeitos em sua vida e na vida de seus filhos. Na família — nossa primeira vivência com o meio externo —, experienciamos nosso primeiro laboratório social, onde absorvemos os padrões, a cultura, as crenças e os hábitos que nos preparam para a vida em sociedade (Erikson, 1976; Carter & McGoldrick, 1995). Essa microssociedade familiar serve como a base para nossa interação com a macrossociedade, que se estende além do ambiente doméstico e engloba o convívio social mais amplo, além de representar socialmente, segurança e proteção — não nos casos deste estudo (Cardoso et al., 2020). Seria essa vivência inicial como marco de desenvolvimento de quem somos, que leva o indivíduo a normalizar tudo o que se passa dentro do sistema familiar, assim como a agressão, a negligência, o desamor e o abuso — seja psicológico, físico ou sexual? — Seria a crença social pautada no cristianismo ocidental que nos leva a acreditar na sacralidade parental, como modelo da sagrada família e, com isso, tudo é permitido no seio familiar?

Santos (2011) ressalta que no transcorrer do processo de educação dos filhos, os parentais revivem por um olhar mais experiente — ou ao menos poderia ser assim — suas experiências passadas como filhos e suas dificuldades nesse papel, o que poderia dar a estes pais a oportunidade de ressignificar seus conceitos e valores em termos de educação.

Nos perguntamos: seria a negação da violência uma atitude psíquica de autoproteção e autopreservação?

Relato de José:

apanhar? Ficava quietinho, né? Não, não atrapalhou em nada a minha vida. Isso pra mim foi normal. Não, não tive nenhum trauma, nem tenho até hoje, para mim sobre esse assunto não tem nada a ver ... é, se eu fazia a coisa errada, apanhava ... para mim estava tudo certo. É, era o justo. Acho que meus irmãos também não, porque tudo eles estão formados, trabalhando ... vai pegar você pela mão, dava umas boas cintadas. (Depoimento concedido a autora, 2025)

Na quarta categoria, encontramos a educação parental por meio da violência. Sabemos que a prática educativa familiar está pautada nos valores culturais e transgeracionais. Esses valores morais familiares são internalizados e desdobrados, muitas vezes, como repetição de padrões não reprocessados na esfera racional — ou mesmo, como frutos produtivos de uma análise da história emocional vivida por aqueles que foram filhos e tonaram-se pais —, viabilizando o que Santos e Moré (2011) denominam com transgeracionalidade da violência.

Podemos identificar, nos relatos de Tatiana, que sua mãe entregava os filhos para serem educados e corrigidos pelo marido, que a perpetrava semanalmente pela violência doméstica.

No caso de José, filho de um líder educador — diretor de escola —, que se utilizava da forma violenta de educar os filhos, observamos a crença que agredir é um meio de correção e ajuste do comportamento dos filhos, o que ilustra a transgeracionalidade da violência (Santos & Moré, 2011). José desdobrou a prática educativa pautada na violência para seus quatro filhos do gênero masculino e podemos identificar em seus relatos que o filho que menos apanhou não se sentia reconhecido pelos pais. Vejamos relatos da entrevista com os dois pesquisados.

Relato de Tatiana sobre a mãe:

E quando o meu pai chegava, ela entregava a gente como se ele fosse ser aquela pessoa que fosse ser aquele ser humano amoroso. Não. Meu pai batia na gente, violentamente com cinta, e a gente ficava tudo marcado, depois que ela via essa cena. Minha mãe sempre nos expôs. Depois ela vinha lambir a gente, né? Cuidar dos machucados e ficava falando, tá vendo? Você deveria ter feito isso. Vocês não fizeram isso. (Depoimento concedido a autora, 2025)

Relato de José:

E todo mundo tinha medo, ninguém fazia nada errado. Ué, apanhou, fez errado, apanhou. Então era assim que era tratado. Diálogo com o filho caçula: “você ficou traumatizado porque não apanhou, porque eu não ligava pra você”. Ele falou assim: “vocês não ligam pra mim, vocês

“não batem em mim, que nem vocês batiam nos meus irmãos”. (Depoimento concedido a autora, 2025)

Transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) dos acometimentos do desenvolvimento da infância é a quinta categoria. Concordamos com as pesquisas e com os autores que anoram este estudo — no que se refere aos resultados impressos no corpo físico e na alma de cada um de nossos clientes, criados à ancora de uma educação violenta e que fere a dignidade da individualidade humana (Araújo et al. 2023).

Podemos observar, tanto em nossos estudos e pesquisas quanto na prática clínica de escuta e observação, o quanto pessoas que vivenciaram diferentes formas de violência apresentam sintomas físicos e psíquicos, tais como: baixa autoestima, falta de confiança em si mesmas, desconhecimento de suas capacidades e potências, descrença e desesperança nas relações, além de dificuldades com o senso de pertencimento e o agenciamento de si. Esses fatores impactam diretamente a construção de uma identidade saudável e de uma autoimagem positiva (Li & Liang, 2023; Hyland et al., 2023).

Podemos observar nos relatos de Tatiana, que lida com a insônia, pensamentos considerados por ela como ruins, impulsividade, alterações de humor, suas questões com a relação sexual com seu parceiro, além do sofrimento ao revisitar sua história.

Em José, temos a negação em relação a violência como danosa para formação do indivíduo — muito embora admita ao final seus “repentes” de explosão na relação conjugal, seus remorsos em relação às suas tratativas e exigências familiares, e por último, podemos ressaltar a admissão da relação da violência do pai com “seu jeito duro de ser”.

Estudos realizados por Van der Kolk (2020) durante décadas, desafiam o que diz o American Psychiatric Association (APA) (2014) sobre “um não conhecimento da fisiopatologia do trauma”. Este e outros pesquisadores como Maté e Maté (2023) e Levine e Frederick (2022) apontam que há uma alteração no que Van der Kolk (2020) chama de cérebro emocional, onde reside o sistema límbico e reptiliano.

Quando do momento vivido por meio do trauma, o cérebro secreta cortisol em altas quantidades e esse transcurso acontece — como o exemplo de uma tatuagem no cérebro emocional, que faz com que ele atravesse o cérebro racional e, dessa forma, o indivíduo se mantém em um estado ansiogênico e de alerta constantes quando em situações que causam gatilhos e em contextos adversos, podendo apresentar três tipos de reações diferentes de respostas: uns lutam, outros fogem e outros ainda congelam. Tudo isso aciona o nervo vago (Porges, 2023) — que se torna uma forma de processamento das emoções, a biologia do trauma —, que de forma geral não ajuda o indivíduo traumatizado a processar a vida por uma via mais racional e com menos emoções impulsivas e sofridas.

Se pensarmos em termos de categorização dos sintomas de TEPT, podemos caminhar pelo APA (2014) e encontrarmos os seguintes sintomas: intrusão, esquiva, alterações negativas de cognição e de humor, alterações de excitação e de reatividade. São comuns pesadelos frequentes e memórias não desejadas que reproduzem o evento desencadeante. Alguns pacientes revivem a situação traumática como lembranças vívidas, levando a pessoa a reagir como se estivesse no ato do acontecimento.

Relato de Tatiana:

Um pouco de insônia. Pensamentos ruins. Hoje, total... total (Sobre alteração no humor). Por mais que eu sei que eu posso e que eu não estou sozinha. Eu comigo mesma, sabe, eu tenho muita consciência disso, sim. Não dá para sustentar o tempo todo. Então, mais pra atitude impulsiva é, mas não tão impulsiva, não a ponto de chegar vias de fato, eu só não vou deixar quieto, né? Então, dei mais de uma atitude, mais de uma atitude impulsiva, de uma iniciativa do que fuga. Eu já fui muito porque esse poema... esse poema do brasileiro que agora esqueci o nome dele é, ele me orientou por muito tempo, “fica quieta, não fala nada. Vamos pra frente, você já perdeu tanto”.

Teve um momento que a minha chama virou fósforo. E eu, eu acho que nesse momento, eu fiquei muito, muito triste na minha história. Não, não tenho mais relações sexuais. Mas tenho relação sexual comigo. Ninguém mais me toca, não que eu proibi o C. pode me tocar ... então a gente também já não dorme junto, que também isso para mim é muito violento, né? Você vê, eu continuo na violência, né? E me aliso, me acarinho, não é? Então a minha relação comigo mesma. Mas sempre vem uma lembrancinha, né? Eu, eu, eu tenho hoje uma consciência de que eu não perdi minha sexualidade apesar de tantas agressões. (Depoimento concedido a autora, 2025)

Relato de José:

Coisas que eu fiz errado e eu achei que hoje, eu penso, né, não devia. Podia não ter feito, né? E eu digo assim, já fez, né? Fiquei muito chateado que minha esposa faleceu de câncer em 2021 ... eu fico muito ressentido, porque ela queria que eu mudasse algumas coisas. Eu não consegui mudar. Ela ficou ressentida, bastante ressentida pelo meu jeito mas, aí, como é que chama? Explosão, né? Ah, tava bravo e tal. É não pra bater, nunca pus a mão na L., mas só que eu, machão, duro, duro, né? Então tudo era duro. Fazer uma coisinha errada, dava aquele chilique, né? ... Mas ela reclamava de um comportamento mais bravo, né? Essas coisas foram, aconteceram, mas o meu comportamento explosivo. Eu não tenho assim nenhum trauma, para mim estava legal e a única coisa que eu fico assim é, eu podia ter ido mais na casa da minha mãe

quando eu não ia tanto. Sobre a violência dos pais: é isso, com certeza. Pode ter me moldado, por exemplo, ficar mais bravo, ficar mais duro, sei lá, mas no começo não era assim, né?

A violência parental e o impacto na identidade é a sexta e última categoria. A violência parental e o impacto na identidade dos filhos agredidos é uma das mais importantes perguntas desta pesquisa. O quanto uma infância regada pela agressão, pela negligência, pelos abusos em suas variadas maneiras, o quanto o desamor, o não reconhecimento da individualidade e da liberdade de um filho desde a primeira infância, podem impactar no desenvolvimento e/ou reconhecimento (no caso de José) da própria identidade na maturidade? (Hyland et al., 2023; Levine & Frederick, 2022; Li & Liang, 2023; Maté & Maté, 2023; Van der Kolk, 2020).

Vemos a busca de Tatiana em seu processo de desenvolvimento na terapia na ayahuasca⁴ como recurso nos processos de autoanálise, em que por um lado o quanto ela carrega consigo a imagem de alguém violenta na comunicação, nas atitudes; e, por outro, encontra em si um espaço de amor e carinho consigo. Tatiana nos traz episódios de resiliência e força, suas posições de liderança na carreira, assim como uma busca constante pela independência para se livrar do julgamento da violência familiar. A vivência na maturidade com superação e memórias marcam quem Tatiana tornou-se de forma mais flexível. Em José, vemos certa rigidez em sua forma de ser, uma vez que ele não repensou, refletiu e reprocessou sua vivência com a violência e a desdobrou na paternidade, na educação de seus filhos, bem como na roupação de um pai, marido e homem “duro”, que entendeu a violência como via de identidade educadora.

A identidade na pós-modernidade tornou-se fluida, mutável, flexível, descentrada e fragmentada, como nos conta Hall (2019) e podemos ver mais fluidez e transformação em Tatiana do que em José.

Aqui podemos observar Tatiana repensando sua forma violenta de ser no mundo, enquanto José possui a autoimagem de um ser “duro”, explosivo e exigente — características colocadas de forma determinada e sem muita possibilidade de reflexão e transformação.

Morin (2012, p. 82) fala de nossa identidade polimorfa: “cada indivíduo é uno, singular, irredutível. Contudo, é, ao mesmo tempo, duplo, plural, incontável e diverso. Ainda que encontramos o problema da unidade múltipla”.

Torna-se interessante pensar em Tatiana como um ser que atende as características de uno e múltiplo, da fluidez, da flexibilidade e da identidade discutida neste trabalho, por meio da perspectiva da pós-modernidade (Hall, 2019; Goffman 2014). Ao identificarmos em seus relatos um papel considerado por ela como violento até certo ponto de uma fase do ciclo de sua biografia, e, na atualidade, sua autoimagem de alguém amorosa e acolhedora, em sua

⁴ Ayahuasca é uma bebida psicoativa, tradicionalmente utilizada por diversos povos indígenas da Amazônia e frequentemente utilizada para rituais de cura em todo o país.

profissão como terapeuta; alguém disponível para o fazer, com energia e coragem para seguir em frente, e em evidente busca por superação de seus traumas — marcados na memória, no corpo e na mente.

Relato de Tatiana:

Eu acho que depois dos vinte e um, vinte e dois até uns trinta, trinta e cinco anos, eu fui uma pessoa muito dura com as pessoas, né? E dura, muito dura comigo mesmo. Era uma ansiedade, acho que era uma vontade imensa de ter essa independência e falar, meu, estou fora ... eu queria sair de casa para parar de ser agredida. Mas eu não parava de agredir. Né? Eu fiquei nessa roda por muitos anos, né? De ter sido agredida e de ter agredido, de falar duro com as pessoas, de não ser uma pessoa, tinha que ser do meu jeito, né? Então, assim, eu era uma ditadura. Eu era um trator. Eu sempre tive uma oposição assim, de presença misturada aí com um pouco de autoridade. Na hora que eu chego, a Tatiana chegou porque além de tudo, eu passava medo para as pessoas, né? Eu não tinha assim essa consciência lá atrás de: "nossa, quem sou eu, que ser violento que eu sou", né?

Eu atribuo essa força da Independência. Eu não podia depender de ninguém. A minha palavra é produtividade, né? Então eu sempre fui uma pessoa muito proativa, muito. Hoje, uma pessoa de uma escuta empática ativa, né? Sou uma pessoa muito amorosa, carinhosa. Sou muito educada, né? Sou uma pessoa que pau para toda a obra. Hoje eu sei dizer não. E digo não com muita tranquilidade e trabalho o tempo todo com a comunicação não violenta. O Marshall tá na minha mente (sobre a comunicação não violenta). Eu ainda sou uma pessoa violenta. Eu sinto muito por isso. Não dá, nós não somos de ferro, nós somos seres humanos, ainda mais seres humanos marcados com tanta dor, tanta falta, tanta violência. Mas hoje eu sou uma pessoa muito diferente daquela pessoa, sim, de muitos anos atrás. E uma sobrevivente do bem! Em nome do amor, porque se eu não estiver em nome do amor aqui, agora eu estou em nome do amor.

Eu sou muito grata a minha raiva. Eu tinha raiva, o meu condutor de movimento. Eu sou uma pessoa muito estratégica. Eu fui preto no branco, sim. Muito rígida, muito dura comigo e com os outros. Depois fui amolecendo com os outros, mas eu me mantive dura comigo, inflexível comigo. (Depoimento concedido a autora, 2025)

Relato de José:

E é, eu sempre fui um pai difícil, né? Bravo, vim desse sistema ... porque ela queria que eu mudasse algumas coisas. Eu não consegui mudar. Ela (esposa falecida) ficou ressentida, bastante

ressentida pelo meu jeito mais, aí, como é que chama? Explosão, né? Sobre a violência dos pais: é isso, com certeza. Pode ter me moldado, por exemplo, ficar mais bravo, ficar mais duro, sei lá, mas no começo não era assim, né? (Depoimento concedido a autora, 2025)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que como pesquisadores, seguimos nosso chamado — aquele que nos impele a olhar não somente para dentro de nossos consultórios, mas para fora dele por meio da pesquisa. Com isso, realizamos o percurso metodológico e, por meio dele, cumprimos com nossa missão neste estudo, ao certificarmos que a violência parental na infância e juventude tem impacto na construção da identidade, traumatiza e circunscreve clara implicação na vida adulta.

No quesito violência física, observamos e tomamos como fato que tanto a agressão física quanto a violência sexual, deixam fortes marcas na biografia do indivíduo acometido, contabilizando em sua história, memórias, lembranças e o quanto a dimensão da violência atua em sua forma de ser, pensar e agir na maturidade.

Obtivemos nesta pesquisa duas polaridades destacáveis entre os participantes entrevistados. Por um lado, Tatiana, que mostra compreensão, significado e manejo de sua história, a qual trabalhou e segue a trabalhar para ressignificá-la de forma resiliente, porém com marcas — que consideramos em nossas análises como traumáticas. Acreditamos que o trauma não “desabita” o indivíduo marcado por ele, mas pode ser administrado e reprocessado de forma a usar as ressonâncias dos encontros com as repetições traumatizantes, como uma ferramenta de resiliência para seguir construindo propósito e significado à vida — apesar da existência imanente dos sinais que ele deixa, ressaltando que cada indivíduo vai manejá-lo de acordo com seus dispositivos de enfrentamento.

Na outra polaridade, encontramos José, marcado com padrões de violência internalizados, atuando em sua forma de enxergar o mundo, sua educação, comunicação e autoimagem. Em José, podemos constatar a negação da violência parental recebida e aplicada transgeracionalmente, sem grandes questionamentos ou mesmo reflexões; sobre como foi ser um indivíduo perpetrado — embora em um rápido recorte, reconheça que seus episódios de “destempero” nas relações possam advir de sua experiência com as surras de seu pai.

Essas vozes corroboraram com nossas vivências clínicas com os resultados e achados de pesquisadores assíduos na busca por compreensão sobre os traumas do desenvolvimento da infância, que culminam em transtorno de estresse pós-traumáticos durante os transcursos dessas biografias.

Diante destes resultados, concluímos que a agressividade parental impacta profundamente a vida das participantes de forma a deixar marcas persistentes que são permeadas pelas cicatrizes da violência intrafamiliar.

Sabemos que há um longo caminho a percorrer, pois tanto a ciência quanto nossos consultórios, estão sedentos de compreensão para construção de diversas formas de lidar com almas tão aviltadas pela violência intrafamiliar.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5* (5^a ed.). Artmed.
- Araujo, M. F. M., Silva, E. P., & Ludermir, A. B. (2023). Maternal educational practices and mental health disorders of school-age children. *Jornal de Pediatria*, 99(2), 193–202. <https://doi.org/10.1016/j.jped.2022.09.004>
- Arendt, R. J. J. (2003). Construtivismo ou construcionismo? Contribuições deste debate para a Psicologia Social. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 5–13.
- Bowen, M. (1991). *De la familia al individuo: La diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. Paidós.
- Bowlby, J. (2023). *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. Artmed.
- Brasil. (2014). *Lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014*. Altera o Estatuto da Criança e do Adolescente para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou tratamento cruel ou degradante. Diário Oficial da União.
- Brodski, S. K. (2010). *Abuso emocional: Suas relações com autoestima, bem-estar subjetivo e estilos parentais em universitários* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório UFRGS.
- Cardoso, A. S., Leandro, M., Silva, M. L. B. da, Moré, C. L. O. O., & Bousfield, A. B. S. (2020). Representações sociais da família na contemporaneidade: Uma revisão integrativa. *Pensando Famílias*, 24(1), 29–44. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-494X2020000100004
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *Mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para terapia familiar* (2^a ed.). Artmed.
- Chaves, A. A., & Prado, J. M. R. C. (2024). Violência sexual infantil e suas repercussões no comportamento da vítima. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 8(4), 1–13. <https://doi.org/10.69849/revistaft/fa10202410301609>
- Cunha, M. L. C. (2021). *Abuso sexual contra crianças e adolescentes: Abordagem de casos concretos em uma perspectiva multidisciplinar e interinstitucional*. Gov.br.
- D'Allonnes, C. R., Assouly-Piquet, C., Bem Slama, F., Blanchet, A., Douville, O., Giami, A., Nguyen, K.-C., Plaza, M., & Samalin-Ambroise, C. (2004). *Os procedimentos clínicos nas ciências humanas*. Casa do Psicólogo.

- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2006). A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Orgs.), *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens* (2^a ed., pp. 15–41). Artmed.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise* (2^a ed.). Zahar.
- Ferreira, L. (2022). *Relações entre mães e filhas em contexto de violência doméstica e o impacto na diferenciação do self* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2023). *Visível e invisível: A vitimização de mulheres no Brasil* (4^a ed.). FBSP.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2024). *Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil (2021–2023)* (2^a ed.). FBSP.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2025). *19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. FBSP.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Vozes.
- Foucault, M. (2010). *Ética, sexualidade, política* (2^a ed.). Forense Universitária.
- Freud, S. (1923). El yo y el ello. In *Obras completas* (Vol. 19). Amorrortu Editores.
- Gergen, K. J. (1985). The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40(3), 266–275.
- Goffman, E. (2014). *A representação do eu na vida cotidiana* (20^a ed.). Vozes.
- Guerra, A. de L. R., Stroparo, T. R., Costa, M. da, Castro Júnior, F. P. de, Lacerda Júnior, O. da S., Brasil, M. M., & Camba, M. (2024). Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. *Revista de Gestão e Secretariado*, 15(7), e4019. <https://doi.org/10.7769/gesec.v15i7.4019>
- Haack, K. R., Comandulli, B. T., & Falcke, D. (2023). Apego, ciúme e violência conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 39, e37893.
- Hall, S. (2019). *A identidade cultural na pós-modernidade* (12^a ed.). Lamparina.
- Hyland, P., Broughill, M., Shevlin, M., & Brewin, C. R. (2025). Memory and identity processes in ICD-11 complex posttraumatic stress disorder: Tests of a new theory. *Journal of Anxiety Disorders*, 114, 103055. <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2025.103055>
- Kerig, P. K. (2023). Developmental perspectives on trauma exposure and posttraumatic stress. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 16(3), 381–390.

- Knight, R., & Miller, J. M. (2024). Developmental trauma: An introduction to the section. *Psychoanalytic Review*.
- Kublikowski, I. (2018). Estudo de caso e pesquisas em Psicologia Clínica. In R. M. S. Macedo, I. Kublikowski, & C. L. O. O. Moré (Orgs.), *Pesquisa qualitativa no contexto da família e comunidade* (pp. 25–42). CRV.
- Kublikowski, I. (2021). A pesquisa qualitativa. In L. V. C. Moreira & J. Menegat (Orgs.), *Métodos e técnicas de pesquisas científicas* (Vol. 1, pp. 91–105). Dialética.
- Kvale, S., & Brinkmann, S. (2009). *Interviews: Learning the craft of qualitative research interviewing*. Sage.
- Levine, P. A., & Frederick, A. (2022). *O despertar do tigre: Curando o trauma* (5^a ed.). Summus.
- Lewis, S. J., Arseneault, L., Caspi, A., Fisher, H. L., Matthews, T., Moffitt, T. E., Odgers, C. L., Stahl, D., Teng, J. Y., & Danese, A. (2019). The epidemiology of trauma and post-traumatic stress disorder in a representative cohort of young people in England and Wales. *The Lancet Psychiatry*, 6(3), 247–256. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(19\)30031-8](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(19)30031-8)
- Li, Y., & Liang, Y. (2023). The effect of childhood trauma on complex PTSD: The role of self-esteem. *European Journal of Psychotraumatology*, 14(2), e2272478.
- Maté, G., & Maté, D. (2023). *O mito do normal*. Sextante.
- Morin, E. (2012). *O método 5: A identidade humana*. Sulina.
- Porges, S. W. (2023). *Teoria polivagal*. Senses.
- Rasera, E. F., & Japur, M. (2005). Os sentidos da construção social. *Paidéia*, 15(30), 21–29.
- Sanches, L. D. C., Gabriela, G. D., Ramos, M., Rozin, L., & Rauli, P. M. F. (2019). Violência sexual infantil no Brasil: Uma questão de saúde pública. *Revista Iberoamericana de Bioética*, 9, 1–13. <https://doi.org/10.14422/rib.i09.y2019.003>
- Santos, A. C. W. D., & Moré, C. L. O. O. (2011). Impacto da violência no sistema familiar de mulheres vítimas de agressão. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 220–235.
- Santos, J. L. dos. (2011). *Casa de pais, escola de filhos: Um estudo sobre transformações nos significados, valores e práticas de educar filhos em famílias de baixa renda* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP.
- Santos, T. O., & Camargo, M. R. (2024). Dependência emocional em relacionamentos conjugais. *Psicologia USP*, 35, e220002.

- Schwartz, R. C. (2023). *Não há partes ruins: Curando traumas e restaurando a plenitude com o modelo de sistemas familiares internos*. Alta Books.
- Serpeloni, F., Narrog, J. A., Pickler, B., Avanci, J. Q., Assis, S. G. D., & Koebach, A. (2023). Terapia de exposição narrativa para o tratamento do transtorno de estresse pós-traumático. *Ciência & Saúde Coletiva*, 28(6), 1619–1630. <https://doi.org/10.1590/1413-81232023286.16532022en>
- Spink, M. J. P. (2010). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Centro Edelstein.
- Stake, R. E. (2006). *Multiple case study analysis*. Guilford Press.
- United Nations Children's Fund. (2023). *Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil*. UNICEF. <https://www.unicef.org/brazil/media/30071/file/panorama-violencia-lethal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil-v04.pdf>
- Vasconcellos, M. J. E. de. (2018). *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência* (11^a ed.). Papirus.
- Walker, L. E. (1979). *The battered woman*. Harper & Row.
- White, M. (2012). *Mapas da prática narrativa*. Ágora.
- Yin, R. K. (2016). *Case study research: Design and methods* (3^a ed.). Sage.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, ao COGEAE-Especialização Lato Sensu – PUC - SP, ao Prof. Dr. João Laurentino dos Santos, a Profa. Dra. Claudia Bruscagin, que permitiram que eu realizasse esta pesquisa acadêmica, como pré-projeto para o Doutorado, dentro de um curso Lato Sensu.

Financiamento: próprio.

Conflitos de interesse: não há.

Aprovação ética: Número do Parecer: 7.932.952. Situação do Parecer: Aprovado;

Necessita Apreciação da CONEP: Não

Disponibilidade de dados e material: com Luciana Ferreira, doutoranda PUC - SP.

Contribuições dos autores: Prof. Dr. João Laurentino dos Santos, orientação do projeto e contribuição com texto.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação

Revisão, formatação, normalização e tradução

